

## Sobre a natureza da linguagem: Agostinho e Wittgenstein

Prof. Dr. Francesco Bottin<sup>1</sup>

Tradução de Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa<sup>2</sup> e

Prof. MSc. Jorge Cândido de Lima<sup>3</sup>

**Resumo:** Wittgenstein sempre considerou as *Confissões* de Santo Agostinho como “the most serious work ever written” e, todavia, criticou muito agudamente a concepção de linguagem de Agostinho nas suas *Ricerche Filosofiche [Pesquisas Filosóficas]*, na *Grammatica Filosofica [Gramática Filosófica]* e no *Libro Marrone [Livro Marron]*. Mas a crítica da linguagem como “imagem” em Agostinho é de fato também a crítica da linguagem como “figura” do *Tractatus Logico-Philosophicus [Tratados Lógico-Filosóficos]* do mesmo 1º Wittgenstein. Pelo contrário, nas análises do modo pelo qual os signos tomam vida é evidente uma forte semelhança entre a doutrina do 2º Wittgenstein e aquela que Agostinho professa no *De magistro [Sobre o Mestre]* e no *De Trinitate [Sobre a Trindade]*. Con efeito, tendo por base motivações muito diferentes, seja Agostinho como Wittgenstein pensam que os signos linguísticos em si mesmos são mortos e incapazes de significar e que o seu significado emerge por sua vez progressivamente pelo contexto nos quais venham a ser usados. **Palavras-chave:** Linguagem, imagem, vita dos signos, uso, *verbum cordis [palavra do coração]*.

**Abstract:** Ludwig Wittgenstein always regarded to the *Confessions* of Saint Augustine as “the most serious work ever written”, nevertheless he criticises in a very subtle way Augustine’s conception of language in *Philosophical Investigations*, in *Philosophical Grammar* and in *Brown Book*. However Wittgenstein’s late criticism of Augustine’s “picture language” is also a criticism of Wittgenstein’s own early conception of language as a picture in the *Tractatus logico-philosophicus*. On the other hand, the analysis of how signs are take into life shows much strong similarities between the teachings of late Wittgenstein and those doctrines held by Augustine in *De magistro* and *De Trinitate*. Indeed, although very different motivations, either Augustine or Wittgenstein uphold that linguistics signs by unable to bear any meaning and that their sense would emerge for their turn progressively from the context which would come to by used in. **Key-words:** Language, picture, signs life, use, *verbum cordis*.

## 1 As *Confissões*: “a obra mais séria jamais escrita”

É bem conhecido que Wittgenstein quis iniciar as suas *Ricerche Filosofiche* [*Pesquisas Filosóficas*] com uma ampla citação direta de uma passagem das *Confissões* de Agostinho, no qual também o entendimento da linguagem por parte do Agostinho jovem é apresentada como um testemunho da presença de Deus na sua vida. Naturalmente, ao fazer isso, o *ex-rector* tratou de recolher sistematicamente as noções de saber na época sobre este tema, mas, no *De magistro* [*Sobre o Mestre*], tais noções gramaticais são imersas na prospectivas neoplatônicas da interioridade. Não é claro por que Wittgenstein tenha querido confiar às palavras de Agostinho as linhas iniciais de uma obra que teria sinalizada uma mudança fundamental nas suas reflexões sobre a natureza da linguagem. Sabemos pelo amigo e correspondente Drury que Wittgenstein considerava as *Confissões* “a obra mais séria que jamais tenha sido escrita”<sup>4</sup>, pelo que creio que se deva, sem dúvida, descartar a hipótese, talvez mais imediata, de que o leitor nos possa fazer ver uma passagem de Agostinho, apresentada como modelo negativo, para explicar a verdadeira natureza da linguagem. Essa impressão parece ser confirmada, porquanto o próprio Wittgenstein teria confidenciado a Norman Malcolm que “tinha decidido iniciar suas *Ricerche* [*Pesquisas*] com uma citação das *Confissões* não porque não teria podido encontrar, também, junto a outros filósofos, a concepção expressa por tal citação, mas porque tal concepção deveria ser importante, se uma tão grande mente, assim, tinha sustentado”<sup>5</sup>. No *Nachlass*, mais explicitamente, pois confirmava que “aquilo que Agostinho disse é importante, para nós, porque é a concepção de um homem que pensa com clareza de maneira natural”. Em suma, dessas recordações de amigo e alunos, pode-se, racionalmente, pensar que a concepção agostiniana, mesmo que seja, como veremos, fortemente,

simplificada, não deveria representar, nas intenções de Wittgenstein, um ícone, puramente, negativo.

No mometo, talvez, possamos levantar a hipótese de que Wittgenstein tenha ficado, fortemente, abalado ao ver expressas, em uma obra composta há 1700 anos, com extrema clareza, pelo menos, os pressupostos semânticos daquilo que ele mesmo, alguns anos antes, havia considerado uma “reviravolta” decisiva na Filosofia, com a concepção especular de linguagem que caracteriza o seu *Tractatus [Tratados]*.

Lendo Agostinho, provavelmente, Wittgenstein se deu conta de que aquilo que ele considerava uma reviravolta, na realidade, era, apenas, a sistematização de uma concepção antiquíssima. Eis que a passagem de Agostinho, oportunamente escolhida, podia representar ainda melhor do que os próprios aforismas do *Tractatus [Tratados]*, a concepção de linguagem que ele mesmo havia professado, não muitos anos antes. Sem dizer que o modo mesmo de expor a própria experiência pessoal se adaptava, perfeitamente, ao modo de fazer Filosofia de Wittgenstein, que, como recorda von Wright, se gloriava de ser “o único filósofo a não ter lido uma única linha de Aristóteles”<sup>6</sup>.

Eis, portanto, a passagem assim como vem citada por Wittgenstein, isto é, privada da oguda observação inicial de Agostinho sobre o fato de não ter aprendido a linguagem pelos outros, mas por si (“*ego ipse mente*” – por si próprio):

Quando os circunstantes atribuíaam com um certo nome um certo objeto e se dirigiam ao objeto designado, eu os observava e me imprimia na mente o fato de que, querendo designar aquele objeto, o chamavam com aquele som. Que seja qual fosse a sua intenção, o argüia pelo movimento do corpo, linguagem, por assim dizer, comum à natureza de todas as gentes e falado pelo rosto, com os acenos dos olhos,

com os gestos das artes, e com aquelas emissões de voz, que revelam a condição do *animo* ávido, hostio ou avesso. Assim as palavras que voltavam, sempre, a um dado lugar, na variedade das frases e que ouvia, com freqüência, conseguia, gradativamente, entender que objetos designassem, até que eu mesmo começava a usá-las, depois de ter dobrado a boca aos seus sons, para exprimir os meus desejos. Assim, comecei a comunicar-me com as pessoas entre as quais viviam os signos que exprimiam os desejos, de outra maneira ulteriormente no consórcio tempestuoso da vida humana, dependendo da autoridade dos pais e pelos acenos dos adultos<sup>7</sup>.

Nessa passagem, Wittgenstein vê, como ele mesmo esclarece, “uma determinada imagem da natureza da linguagem humana [...]. As palavras da linguagem denominam objetos – as proposições são conexões de tais denominações [...]. Cada palavra tem um significado. Este significado é associado à palavra. É o objeto pelo qual a palavra existe”<sup>8</sup>.

Se essas conclusões são extraídas, explicitamente, da passagem de Agostinho, outras podem ser, legitimamente, deduzidas pelas análises que delas faz Wittgenstein:

1. não há uma diferença significativa entre os vários tipos de palavras, mas todas são nomes;
2. a linguagem é constituída, fundamentalmente, por substantivos do tipo “mesa”, “cadeira”, “pão” e por nomes de pessoas;
3. só através de tais substantivos se pode fazer referência a certas atividades e propriedades;
4. os outros tipos de palavras podem vir tratadas da mesma maneira pelos nomes substantivos.

No *Libro Marone* [*Livro Marrom*], Wittgenstein já havia feito uma significativa referência aquilo que chama “imagem de Agostinho sobre a linguagem”:

[...] Agostinho, descrevendo como ele apreendeu a linguagem, diz ter aprendido a falar apreendendo os nomes das coisas. É claro que diga aquilo que tem em mente, o modo pelo qual uma criança aprende palavras tais como “homem”, “açúcar”, “mesa”, etc, e não tanto palavras como “hoje”, “não”, “mas”, “talvez”<sup>9</sup>.

Nas observações que faz, imediatamente, a seguir, Wittgenstein compara essa descrição da linguagem a uma descrição do jogo de xadrez “sem mencionar nem a existência, nem as operações (a função) dos peões”. Em ambos os casos, estamos diante de uma “descrição incompleta”, todavia, pode-se pensar na descrição completa de um “jogo mais simples”. E Wittgenstein, por conseguinte, conclui que, desse ponto de vista, “podemos afirmar correta, por uma linguagem mais simples do que as nossas, a descrição agostiniana da apreensão da linguagem”.

Em verdade, na *Grammatica Filosofica* [*Gramática Filosófica*], Wittgenstein precisará que

quando Agostinho fala da aprendizagem de uma língua fala do modo pelo qual nós ligamos os nomes às coisas ou compreendemos os nomes das coisas. Denominar aqui resulta ser o fundamento, isto é, ser tudo aquilo que se pode dizer em relação à linguagem<sup>10</sup>.

Por conseguinte, a crítica fica clara no sentido de que, certamente, a função ostensiva da linguagem tem alguma pretensão legítima de descrever a natureza da linguagem, mas é, absolutamente, inaceitá-

vel quando pretende ser a única verdadeira função da linguagem mesma.

Sobre a base dessas reflexões do *Libro Marone* [*Livro Marrom*], sabemos que Wittgenstein havia proposto iniciar uma nova obra, exatamente as *Ricerche Filosofiche* [*Pesquisas Filosóficas*], “com uma descrição de uma situação pela qual se pudesse extrair o material para exemplificar essas conseqüências”. Ele, por conseguinte, escolhe iniciar as *Ricerche Filosofiche* [*Pesquisas Filosóficas*] com uma passagem das *Confissões* já examinada por nós”<sup>11</sup>.

## 2 A linguagem como *imagem*

Na realidade, todas as críticas que Wittgenstein acumula sobre aquela que chama “imagem de Agostinho sobre a linguagem” são críticas que se poderiam perfeitamente aplicar, também, à concepção de linguagem como *imagem*<sup>12</sup>, adiantadas pelo próprio Wittgenstein, no *Tractatus* [*Tratados*]:

- 2.1 nós nos fazemos *imagens* do mundo;
- 2.1.1 a *imagem* apresenta a situação no espaço lógico, o subsistir e o não subsistir dos estados das coisas;
- 2.1.2 a *imagem* é um modelo da realidade;
- 2.1.3 aos objetos correspondem, nas *imagens*, os elementos da *imagem*;
- 2.1.4 a *imagem* consiste em estarem os seus elementos em uma determinada relação de um com o outro;
- 2.1.5 a forma de representação é a possibilidade de que as coisas estejam umas com as outras na mesma relação que os elementos da *imagem*;
- 2.1.5.1 é assim que a *imagem* é conexa com a realidade; junto a essa;

2.1.6 a *imagem* e o representar alguma coisa deve ser idêntico, a fim de que aquela possa ser uma *imagem* desta;

3 a *imagem* lógica dos fatos é o pensamento<sup>13</sup>.

Para Wittgenstein, por conseguinte, os signos lingüísticos, quer se trate de palavra quer de enunciado, são exemplos particulares da função representativa da linguagem, que ele chama de *imagem*. O que torna comuns todos os modos de representar, baseados no conceito de *imagem*, é a capacidade de tais signos de estarem, pelos objetos, representados. No caso da linguagem, que é constituída de palavras e de enunciados, as palavras estão no lugar das coisas e, pelo diferente modo de combinar as palavras, surgem os enunciados, os quais, por sua vez, descrevem como estão as coisas (“a proposição é a descrição de um estado de coisas” 4.023).

Nas *Ricerche Filosofiche [Pesquisas Filosóficas]*, de fato, Wittgenstein acena para uma explícita autocrítica que pode ser colocada em relação aos conteúdos daquilo que ele designa como “a imagem de Agostinho da linguagem”:

[...] poderia parecer que em lógica se fale de uma linguagem ideal [...] mas aqui a palavra ‘ideal’ é distorcida [...] como se houvesse necessidade do lógico para revelar, finalmente, aos homens que aspecto tem uma proposição correta. Mas tudo isto pode aparecer, na sua justa luz, somente quando se tenha acrescentado uma maior clareza em relação aos conceitos do compreender, do entender e do pensar<sup>14</sup>.

Nessas indicações, para sair da concepção de linguagem como *imagem*, pode-se entrever, também, as tentativas agostinianas de dissolver a linguagem no pensamento, mediante a identidade entre pensar

e falar interiormente.

É evidente, por conseguinte, que as críticas de Wittgenstein, no tocante à concepção agostiniana de linguagem, são plausíveis, como vimos, somente com a condição de ter “recortado” certas afirmações, a partir de um contexto muito mais amplo e problemático; presente nas próprias *Confissões* e ignorando, completamente, as análises lingüísticas do *De magistro [Sobre o Mestre]*, para não falar do *De Trinitate [Sobre a Trindade]*.

### 3 A vida dos signos

Mas existe um outro aspecto que, não obstante as críticas, torna íntegra a indagação de Wittgenstein com aquela de Agostinho e é, por assim dizer, o aspecto positivo das relações que as *Ricerche Filosofiche [Pesquisas Filosóficas]* têm com as análises agostinianas sobre a linguagem. Esse aspecto diz respeito, principalmente, àquilo que torna vivos os signos, que em si mesmos são mortos. Como vimos, Agostinho concluía as suas complexas análises do *De magistro – Sobre o Mestre* com a convicção de que “quando me é dado um signo, se me dou conta de que não sei de que coisa é signo, não me pode ensinar nada” e, de outra parte, o simples conhecimento de uma relação não é suficiente para dar vida ao signo lingüístico, porque “a palavra não nos mostra que coisa significa”<sup>15</sup>.

Nas *Ricerche Filosofiche [Pesquisas Filosóficas]*, por sua vez, Wittgenstein estabelece que “todo signo por si parece morto. Que coisa lhe dá vida? – No uso ele vive. Tem em si o sopro vital? – Ou o uso é sua respiração?”.

Naturalmente, falar da “vida dos signos” é só um modo mais sutil de falar da natureza do significado dos signos e, em particular, dos signos lingüísticos. Ora, Wittgenstein parece oscilar entre duas bastante

diferentes concepções do modo de fazer obter vida os signos e de torná-los vivos. Por um lado, no *Tractatus [Tratados]*, ele parece propenso a crer que os signos adquiram vida a partir de alguma coisa que é deles distinta, isto é, por uma atividade mental feita de imagens e de representações que estejam em grau de introduzir o significado nos sinais; por outro lado, nas *Ricerche Filosofiche [Pesquisa Filosófica]*, ele contrapõe-se à idéia de que os signos adquiram, autonomamente, significado, à medida que venham a ser usados. Por tal motivo, o significado não é concebido como uma entidade distinta do seu uso.

No *Libro Blu e Libro Marrone [Livro Azul e Livro Marrom]*, Wittgenstein, depois de ter achado plausível que a conexão entre uma dada palavra e um objeto seja constituída por uma imagem “que se forma na nossa mente”, sintetiza, ainda, a oposição entre essas duas prospectivas deste modo:

Parece que existem certos processos definitivos mentais conexos com o funcionamento da linguagem (processos através dos quais, somente, a linguagem pode funcionar): o proceso do compreender (*understanding*) e o processo do *meaning-entender*. Sem esses processos mentais, os signos da nossa linguagem parecem mortos, e poderia parecer que a única função dos signos seja provocar tais processos, e que estes são as coisas, pelos quais, realmente, nós deveríamos nos interessar [...].

Aquilo que se deve agregar aos signos mortos, para dar-lhes vida, é uma proposição, é algo de imaterial, diferente, por suas propriedades, diferentes de todas os meros signos.

Mas se devessemos apontar algo que seja a vida do signo, deveríamos dizer que seja o seu uso<sup>16</sup>.

Ele, portanto, individualiza, na primeira explicação, relativa à vida dos signos, no “buscar o uso de um signo, mas no buscá-lo como

se fosse um objeto co-existente com o signo”. Erro mais comum, precisa Wittgenstein, é, ainda, o de “buscar uma coisa que corresponda a um substantivo [...] enquanto signo [...] recebe a própria significância, o próprio significado, pelo sistema de signos da linguagem a que petence”<sup>17</sup>.

#### 4 Agostinho e a *intima scientia* [ *ciência íntima* ] da linguagem

Agostinho, já nas *Confissões*, em relação à apreensão da linguagem, como foi visto, tinha feito referência a “*vitae humanae procellosa societas – tumultuosa sociedade da vida humana*”, qual fundamento ineliminável de toda atividade de aprendizagem lingüística. No livro X do *De Trinitate [Sobre a Trindade]*, pois, Agostinho traça um percurso da “vida dos signos lingüísticos” que documenta a proximidade das doutrinas agostinianas com as prospectivas lingüísticas a nós bastante mais próximas. Inicialmente, Agostinho retoma do *De magistro [Sobre o Mestre]* a relação entre signo lingüístico e significado:

[...] se alguém ouve um signo que lhe é desconhecido, por exemplo, o som de uma palavra da qual ignora o significado, deseja conhecê-lo, isto é, deseja saber qual idéia evoca este som [...]. Mas é necessário que saiba já que é um signo, isto é, que aquela palavra não é um som oco, mas um som que significa alguma coisa, diferente deste monossílabo? é já conhecido e por meio do sentido do ouvido foi impresso na alma o modo de articulá-lo que, de outro modo, haveria algo a procurar, nele, para melhor conhecê-lo visto que todas as suas letras e a quantidade de cada sílaba sejam conhecidas, se o espírito não soubesse, ao mesmo tempo, com toda evidência, que é um signo e se não se colocasse nisso um movimento

de desejo de conhecer o que esta palavra signifique? Quanto mais, portanto, a palavra é conhecida, mas sem o ser plenamente, tanto mais a alma deseja conhecer aquilo que fica por saber. Se, de fato, conhecesse, somente, a existência dessa palavra e não soubesse que ela significa alguma coisa, não buscaria mais nada, uma vez que percebido, com a sensação, por quanto lhe era possível, o som sensível. Mas visto que já sabe que esta palavra não é, somente, um som, mas também um signo, quer ter o conhecimento perfeito. Ora, não se conhece, perfeitamente, algum signo se não se sabe de que coisa seja signo<sup>18</sup>.

A passagem, por um lado, retoma o quanto foi adquirido no *De magistro [Sobre o Mestre]*, isto é, que as palavras são signos, que os signos, enquanto tais, todavia, não estão no nível ou no grau de dizer de que são signos e que, por isso, é necessário ter um conhecimento prévio da relação entre signo e significado, mas todas essas relações ora mostram-se possíveis porque dirigidas por um sujeito que é consciente (*animus*) de querer comunicar, através de uma participação dirigida à vida dos signos, feita de desejo, busca, conhecimento melhor e tendência em direção ao conhecimento perfeito. Os signos lingüísticos que apareciam em si mesmos, mortos e inadequados para significar algo de maneira não ambígua, retomam vida e tornam-se operantes, não por força da sua natureza de signos, mas graças à atividade do sujeito, feita de diligência ardente, busca, zelo, esforço, ou, em uma palavra, amor, que exprime a natureza verdadeira do sujeito:

Aquele, portanto, que se dedica, com ardente diligência, àquela busca e inflamado pelo zelo persevera no seu esforço, pode-se dizer que esteja sem amor? Que ama, portanto? Certamente não é possível amar uma coisa, se ela não é conhecida. Nem ama estas duas sílabas, porque já as conhece. Dir-se-á que aquilo

que ama nelas é o saber que elas significam alguma coisa? Mas agora não se trata disso, não é isso que se busca saber, mas aquilo que se busca conhecer, embora que naquilo que se esforça para conhecer, perguntamo-nos sobre aquilo que ama e que certamente não sabe ainda; e precisamente nos surpreende o seu amor, porque sabemos sem o mínimo de dúvida que não se pode amar senão aquilo que é conhecido<sup>19</sup>.

Os signos, em geral, e os signos lingüísticos, em particular, poderão cumprir sua função se o sujeito está em nível de explicar, plenamente, a sua atividade de sujeito que ama. Se conseguirmos compreender que coisa ama, isto é, a que coisa está direcionada a sua atividade vital, compreenderemos, também, o significado verdadeiro dos signos:

Que ama ele portanto? Ele conhece e intui, nas razões das coisas, a beleza de uma ciência que contém o conhecimento de todos os signos e a utilidade de uma arte que permite, aos homens unidos em sociedade, comungar entre eles os seus próprios pensamentos, para que a vida em sociedade não seja pior do que qualquer que seja a solidão, como aconteceria se os homens não se comungassem mutuamente seus pensamentos por meio da linguagem. É, portanto, a beleza e a utilidade deste ideal que a alma vê, conhece e ama; é ela que procura realizar, plenamente, em si, enquanto é possível, cada um busca o significado das palavras que ignora<sup>20</sup>.

Se o objetivo da atividade vital do sujeito que ama é o de chegar a uma “ciência que abarca o conhecimento de todos os signos”, Agostinho está, perfeitamente, consciente de que uma coisa é chegar a tal ciência, na intimidade da própria alma, através de um processo iluminativo divino, e outra coisa é chegar a uma comunicação

intersubjetiva e social de tal saber. Sobre a base dessa dupla função, coloca-se, também, a distinção entre um *verbum cordis* (palavra do coração) que é fruto de um processo iluminativo e um *verbum cordis* (palavra do coração), que é condição indispensável para a comunicação intersubjetiva, que já apontamos como operante, na concepção agostiniana:

De fato, uma coisa é ver este ideal na luz da verdade, outra coisa é o desejo de realizá-lo em si. Vê na luz da verdade aquela coisa grande e boa seja compreender e falar todas as línguas de todos os povos e não ouvir delas nenhuma como estranha e não ser ouvido como estrangeiro. O seu pensamento vê a beleza deste saber e, tendo consciência dele, ama-o. E este conhecimento é tal e acende de tal maneira o ardor daqueles que se dedicam ao estudo que é através daqueles que se movem, e a ele aspiram em todos as suas fadigas gastas para tornarem-se capazes de chegar, ao fim, e abraçar na prática, aquilo que antevê com a razão. E assim, portanto, todo aquele para o qual se aproxima a esperança de poder falar estas línguas, arde de um amor mais fervoroso. De fato, dedica-se mais ardentemente ao estudo daquela ciência, quem não desiste de adquiri-la. Por isso quem não tem esperança de conseguir uma coisa, embora veja nela o valor, ou a ama com tibieza, ou não a ama de fato. Assim, visto que a maior parte dos homens desiste de alcançar o conhecimento de todas as línguas, por isso cada um se dedica, para conhecê-la, sobretudo ao estudo daquela da própria nação; e, apesar de que haja alguém que se veja incapaz de adquirir-lhe um perfeito conhecimento, ninguém, todavia, é assim indiferente a tal saber por não querer, quando tinha ouvido uma palavra desconhecida, conhecer-lhe o sentido e, se lhe é possível, não se informe e a apreenda<sup>21</sup>.

Nessa atividade vital, que implica, no seu ser mais profundo, o sujeito, resulta a possibilidade de resolver todos aqueles problemas sobre o significado das palavras, que se tornavam insolúveis, em nível, puramente, semântico. Se no *De magistro [Sobre o Mestre]*, Agostinho recorria, unicamente, ao *mestre interior*, agora está em condições de delinear, especificamente, o duplo papel de tal *mestre interior*, através da iluminação de uma ciência interior e através da elaboração de uma linguagem interior:

Enquanto durar esta pesquisa, está, evidentemente, dominado pelo desejo de apreender e parece amar uma coisa desconhecida, mas não é assim. De fato, toca a sua alma aquele ideal, que ele conhece e pensa, no qual, resplandece a beleza de um entendimento entre as almas, por meio da compreensão de palavras ouvidas e pronunciadas. É ela que inflama, com o ardor, aquele que busca, certamente, o que ignora, mas que intui e ama o ideal em direção ao qual dirige seu esforço.

É nessa tensão ideal que Agostinho vê os signos, que em si mesmos são mortos, adquirirão vida, animarem-se e tornarem-se comunicativos:

Todas as almas racionais vêm manifestamente a beleza de uma arte que permite aos homens comunicarem mutuamente os seus pensamentos, por meio da enunciação de palavras, dotadas de significado<sup>22</sup>.

## Notas

<sup>1</sup> Università di Padova – Italia.

<sup>2</sup> Professor de Filosofia Patrístico/Medieval da UNICAP e do INSAF – Recife, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq, atual Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval – SBFM.

- <sup>3</sup> Mestre em Sociologia, professor do Curso de Teologia e Acessor da Pró-reitoria Acadêmica da UNICAP.
- <sup>4</sup> Cf. DRURY, M. O'Connor. **Ludwig Wittgenstein: the man and his philosophy.** Sussex: Harvester Press, 1967. p. 54.
- <sup>5</sup> Cf. MALCOLM, N. **Ludwig Wittgenstein: a memory.** Oxford: [s.n.], 1958. p. 71.
- <sup>6</sup> Cf. BRITTON, K. Portrait of a philosopher. *In*: BRITTON, K. **Ludwig Wittgenstein: the man and his philosophy.** ed. by K. T. Fann. New Jersey: Humanities Press, 1967. p. 60.
- <sup>7</sup> AGOSTINO, St. *Confessiones* I, 8: “[...] *cum ipsi appellabant rem aliquam et cum secundum eam vocem corpus ad aliquid movebant, videbam, et tenebam hoc ab eis vocari rem illam, quod sonabant, cum eam vellent ostendere. Hoc autem eos velle ex motu corporis aperiebatur tamquam verbis naturalibus omnium gentium, quae fiunt vultu et nutu oculorum ceteroque membrorum actu et sonitu vocis indicante affectionem animi in petendis, habendis, reiciendis fugiendisve rebus. Ita verba in variis sententiis locis suis posita et crebro audita quarum rerum signa essent paulatim colligebam measque iam voluntates edomito in eis signis ore per haec enuntiabam. Sic cum his, inter quos eram, voluntatum enuntiarum signa communicavi et vitae humanae procellosam societatem altius ingressus sum pendens ex parentum auctoritate nutuque maiorum hominum”.*
- <sup>8</sup> WITTGENSTEIN, L. **Ricerche filosofiche.** Torino: Einaudi, 1967. p. 9, § 1.
- <sup>9</sup> *Idem.* **Libro blu e Libro marrone.** Torino: Einaudi, 1983. p. 103.
- <sup>10</sup> *Idem.* **Grammatica filosofica.** A cura di F. Trinchero. Firenze: La Nuova Italia, 1990. p. 22, § 19.
- <sup>11</sup> Os estudos sobre a relação Agostinho-Wittgenstein e a natureza da linguagem são numerosíssimos. Entre os mais significativas, ver: SPIEGELBERG, H. Augustine in Wittgenstein: a case studied in philosophical stimulation. *Journal of History of Philosophy*, n. 17, 1979, p. 319-327; GALLAGHER, K.T. Wittgenstein, Augustine, and Language. **The New Scholasticism**, n. 56, 1982, p. 462-470; BEARSLEY, P. Augustine and Wittgenstein on language. **Philosophy**, n. 58, 1983, p. 229-236; BURNYEAT, M.F. Wittgenstein and Augustine’s *De magistro*. **The Aristotelean Society**, n. 61, 1987, p. 1-24.
- <sup>12</sup> Garth Hallett ironicamente considera os parágrafos 89-108 delle *Ricerche Filosofiche* como “The Confessions of a logical Atomist” (**A companion to Wittgenstein’s “philosophical investigations”**). Ithaca-London: [s.n.], 1977, p. 168-192).
- <sup>13</sup> WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus.** Torino: Einaudi, 1988.
- <sup>14</sup> WITTGENSTEIN, 1967, § 81.
- <sup>15</sup> AGOSTINO, St. *De magistro*, 10, 33.
- <sup>16</sup> WITTGENSTEIN, 1983, p. 8-11.
- <sup>17</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>18</sup> Cf. AGOSTINO, ST. *De Trinitate*, X, 1, 2 : “*Ita etiam signum si quis audiat incognitum, veluti verbi alicuius sonum, quo quid significetur ignorat, cupit scire quidnam sit, id est, sonus ille cui rei commemorandae institutus sit; veluti audiat cum dicitur “temetum”, et ignorans quid sit requirat. Iam itaque oportet ut noverit signum esse, id est, non esse inanem illam vocem, sed aliquid ea significari; alioquin iam notum est hoc trisyllabum, et articulatam speciem suam impressit animo per sensum aurium. Quid amplius in eo requiratur, quo magis innotescat, cuius omnes litterae omniaque soni spatia nota sunt; nisi quia simul innotuit signum esse, movitque sciendi cupiditatem, cuius rei signum sit? Quo igitur amplius notum est, sed non plene notum est, eo cupit animus de illo nosse quod reliquum est”.*

<sup>19</sup> Cf. *Ibid.*, X, 1, 2.

<sup>20</sup> Cf. *Ibid.*, X, 1, 2.

<sup>21</sup> Cf. *Ibid.*, X, 1, 2.

<sup>22</sup> Cf. *Ibid.*, X, 1, 2.

### **Endereço para contato:**

Prof. Dr. Francesco Bottin

Via Siracusa, 24

35145 - Padova – Itália

E-mail: francesco.bottin@unipd.it

ou

Università Degli Studi di Padova

Piazza Capitaniato, 3

35139 – Padova – Itália

E-mail: centro.medioevo@unipd.it